

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE 3**

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE 3**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198 O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 3 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-930-1

DOI 10.22533/at.ed.301212503

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Temos vivenciado, ao longo dos últimos anos, inúmeros ataques a Educação brasileira; investidas que têm ocasionado retrocessos. O contexto pandêmico alimentou essa crise que já existia, escancarando o quanto a Educação no Brasil acaba sendo uma reprodutora de desigualdades. As interferências externas e investidas do mercado tentam, a todo custo, subordinar a Educação e atividade docente a uma lógica neoliberal de produção (TARDIF; LESSARD, 2005). Nesse sentido, precisamos nos mobilizar e a **indignação e esperança** configuram-se como duas categorias importantes nesse processo.

Diante desse cenário, como dissemos, de muitos retrocessos, negacionismo e investidas neoliberais, não podemos nos furtar do debate político e social, tão importante nesse momento que vivemos destrato a Educação, sucateamento do trabalho docente e exclusão de estudantes, por exemplo. Como nos alertou Freire (2004, p. 28), para além de ensinar com rigorosidade metódica a sua disciplina, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Precisamos considerar esses elementos sociais e políticos necessários no movimento de formar cidadãos indignados e esperançosos que desconstruam os discursos fatalistas.

É nessa direção que o volume de “**O Campo Teórico-metodológico-epistemológico da Educação no Fomento da Questão Política da Atualidade**”, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e do (re)pensar o campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente. Este livro reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados e regiões e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, democracia, humanização, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, avaliação entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse volume são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos uma produtiva, indignante e esperançosa leitura!

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO E POLÍTICA: DELINEAMENTOS TEÓRICO-IDEOLÓGICOS

Elis Regina dos Santos Viegas

Cristina Fátima Pires Ávila Santana

DOI 10.22533/at.ed.3012125031

CAPÍTULO 2..... 10

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: UMA POLÍTICA DE INCLUSÃO

Taissa Vieira Lozano Burci

Ana Paula de Souza Santos

Dayane Horwat Imbriani de Oliveira

Patrícia L. L. Mertzig Gonçalves de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3012125032

CAPÍTULO 3..... 15

A QUESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO E DO ALFABETISMO NO BRASIL ATUAL: CONCEITO, AVALIAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Jaklane Nunes Rabelo

DOI 10.22533/at.ed.3012125033

CAPÍTULO 4..... 28

NARRATIVA E (AUTO)FORMAÇÃO DE EDUCADORES: EXPERIÊNCIAS LUSO-BRASILEIRAS

Lidnei Ventura

Betina da Silva Lopes

DOI 10.22533/at.ed.3012125034

CAPÍTULO 5..... 41

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA ENTRE A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTES E DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19

Maria Tereza Fabbro

Silvana Rodrigues

Luís Presley Serejo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3012125035

CAPÍTULO 6..... 51

A COMPREENSÃO SOBRE “SABERES” E SUA PERTINÊNCIA ENQUANTO DESCRITORES DE APRENDIZAGEM PARA O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Adauto Leite Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3012125036

CAPÍTULO 7..... 64

CONJUNTURAS E CONTEXTOS COMO PRODUTORES DE CURRÍCULO NO ENSINO SUPERIOR

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Sidinei Cruz Sobrinho

DOI 10.22533/at.ed.3012125037

CAPÍTULO 8..... 71

HUMANIZAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO: PROTAGONISMO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Isadora Oliveira Gondim

DOI 10.22533/at.ed.3012125038

CAPÍTULO 9..... 80

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS SOBRE O MENOR INFRATOR

Ana Beatriz Falsarella de Souza

Priscilla Perla Tartarotti Von Zuben Campos

DOI 10.22533/at.ed.3012125039

CAPÍTULO 10..... 90

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A REFORMULAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SEU IMPACTO NOS DOCENTES EM ATUAÇÃO NA REDE PRIVADA DO RECIFE

Gabriela Lins Falcão

Winny Neto do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.30121250310

CAPÍTULO 11..... 102

ABORDAGEM DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA EM WEBINÁRIOS DE ORIENTAÇÃO E ENFRENTAMENTO A PANDEMIA POR COVID-19

Milton de Sousa Falcão

Glaziane Soares Alvarenga

Francisca das Chagas Oliveira

Emmanuel Sousa Elizeu Osório

DOI 10.22533/at.ed.30121250311

CAPÍTULO 12..... 111

ENSINO DE BIOLOGIA PARA SURDOS: ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NUMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO ESCOLAR

Glauber Carvalho da Silva

Anna Isabel Nassar Bautista

Lucimar Bizio

DOI 10.22533/at.ed.30121250312

CAPÍTULO 13..... 121

FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS: O ENCONTRO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NOS FAZERES DISCENTES EM UM PROJETO EXTENSIONISTA

Lilian Rosária Gonçalves de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.30121250313

CAPÍTULO 14.....	130
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Núbia Macedo Sbarzi Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.30121250314	
CAPÍTULO 15.....	134
O ENSINO RELIGIOSO E SUA RELAÇÃO ENTRE OS DIREITOS HUMANOS E A DIVERVIDADE RELIGIOSA	
Ângela Ninfa Mendes de Andrade Cabral	
José Bartolomeu dos Santos Júnior	
Lusival Antonio Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.30121250315	
CAPÍTULO 16.....	150
O ENSINO REMOTO DE SUPORTE EMERGENCIAL À VIDA: DIFICULDADES E FACILIDADES ENCONTRADAS POR PROFESSORES E ALUNOS DAS ETECS	
Ana Cecília Cardoso Firmo	
Bruno Leandro Cortez de Souza	
Joyce Maria da Sylva Tavares Bartelega	
DOI 10.22533/at.ed.30121250316	
CAPÍTULO 17.....	160
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: ESTARIAM OS PROFESSORES PARTICIPANDO DA SUA ELABORAÇÃO, ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO?	
Adriana Correia da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.30121250317	
CAPÍTULO 18.....	171
ADOLESCÊNCIA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO: PELA TRANSVERSALIDADE EDUCACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	
Luzia Cristina Nogueira de Araújo	
Katia Cristian Puente Muniz	
DOI 10.22533/at.ed.30121250318	
CAPÍTULO 19.....	178
O JOGO PODE SE TRANSFORMAR EM DANÇA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA INCLUSIVA NA ESCOLA PÚBLICA	
Andreia Silva de Melo	
Marcílio de Souza Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.30121250319	
CAPÍTULO 20.....	190
MÉTODO FONOVISUOARTICULATÓRIO COMO UMA ABORDAGEM PARA ALFABETIZAR A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO – NÃO VERBAL	
Mara Gitti	
Talita Gitti	
DOI 10.22533/at.ed.30121250320	

CAPÍTULO 21.....	196
KAHOOT E PEER INTRUCTION EM ESCOLA PÚBLICA DURANTE A QUARENTENA	
Fabio Marques de Oliveira Neto	
Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques	
DOI 10.22533/at.ed.30121250321	
CAPÍTULO 22.....	204
PROJETO ESPORTE CIDADÃO DO MUNICÍPIO DE INDAIATUBA-SP: EXPERIÊNCIAS, SIGNIFICADOS E CONCEITOS PARA SEUS FREQUENTADORES	
Luiz Guilherme Bergamo	
Cinthia Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.30121250322	
CAPÍTULO 23.....	214
AMBIENTALIZAÇÃO EM ESPAÇOS FORMAIS DE APRENDIZAGEM – POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EFICAZ	
Edicarlo Ferreira	
Rita de Cássia Frenedo	
DOI 10.22533/at.ed.30121250323	
CAPÍTULO 24.....	226
A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DO ENSINO TÉCNICO FRENTE À SUA FORMAÇÃO CONTINUADA EM TECNOLOGIA ASSISTIVA E A AGENDA 2030	
Andrea Ribeiro Ramos	
Roberto Kanaane	
DOI 10.22533/at.ed.30121250324	
CAPÍTULO 25.....	236
A ESCOLARIZAÇÃO DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI	
Zenilda Nicácio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.30121250325	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	241
ÍNDICE REMISSIVO.....	242

CAPÍTULO 4

NARRATIVA E (AUTO)FORMAÇÃO DE EDUCADORES: EXPERIÊNCIAS LUSO-BRASILEIRAS

Data de aceite: 22/03/2021

Lidnei Ventura

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis – SC
<http://lattes.cnpq.br/9553407104950703>

Betina da Silva Lopes

Universidade de Aveiro
Aveiro – Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-0669-1650>

RESUMO: No presente artigo discutimos a importância da pesquisa narrativa no cenário educacional contemporâneo. Argumentamos que esse tipo de pesquisa tem se tornado importante opção teórico-metodológica aplicada à investigação em educação, assim como à (auto)formação de educadores. Defendemos a metodologia de narrativa autobiográfica como estratégia de desenvolvimento pessoal e profissional ao longo da vida. Organizamos o artigo a partir da integração dos seguintes elementos: fundamentos da metodologia de pesquisa narrativa; a narrativa como metodologia de (auto)formação continuada; (auto)biografia e (auto)formação. Como resultados, apresentamos dois memoriais luso-brasileiros enquanto experiências de narrativas autobiográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Narrativa. Formação continuada. Autobiografia.

NARRATIVE AND (SELF)TRAINING OF THE EDUCATORS: LUSO-BRAZILIAN EXPERIENCES

ABSTRACT: In this article we discuss the importance of narrative research in the contemporary educational setting. We argue that this type of research has become an important theoretical and methodological option applied to research in education, as well as to the (self)training of educators. We defend the autobiographical narrative methodology as a strategy for personal and professional development throughout life. We organized the article based on the integration of the following elements: fundamentals of the narrative research methodology; a narrative as a methodology for continuous (self)training; (auto)biography and (auto)training. As a result, we present two Portuguese-Brazilian memoriais as experiences of autobiographical narratives.

KEYWORDS: Narrative Research. Continuing Education. Autobiography.

1 | INTRODUÇÃO

Na obra “Tempo e Narrativa”, Paul Ricoeur (2010) diz que é pela narrativa que se pode configurar a experiência humana do tempo. Sem narrativa não há tempo, não há cultura, não há experiência. De modo que nossa condição ontológica, nosso ser-estar no mundo [*Daisen*] depende do dizer ao outros quem somos enquanto “sujeito da experiência” (LARROSA BONDÍA, 2004).

Porque o outro se constitui como como nosso horizonte existencial, narrativas são sempre partes e partilhas de histórias individuais que se interpenetram e se constroem em relação a outras vidas, acabando por se transformar em relato de todos ou conclusões para o conjunto (ARFUCH, 2010). Neste caso, produções de narrativas deixam rastros de impregnações dialéticas entre a história individual e a história social que marcam a vida do sujeito-coletivo.

Compreendendo que toda narrativa é partilha, a proposta desse artigo é socializar os memoriais de formação dos autores enquanto narrativas portadoras experiências de narrativas autobiográficas, embasando-os teoricamente.

Assim, organizamos o artigo a partir da integração dos seguintes elementos: fundamentos da metodologia de pesquisa narrativa; a narrativa como metodologia de (auto)formação continuada; (auto)biografia e (auto)formação.

Segundo Benjamin (2012), narrativas não são meras histórias, mas transmissões de experiências comunicáveis, experiências reais, forjadas nas interações sociais dos narradores [educadores], cada vez mais calados na modernidade, pois a “arte de narrar está em extinção” (BENJAMIN, 2012, p. 213).

O trabalho aqui relatado se inscreve entre aqueles que, de alguma forma, almejam restaurar junto aos educadores sua ancestral faculdade de narrar histórias, normalmente silenciadas nos processos de formação continuada calcados na “concepção de formação escolar” (NÓVOA, 2010).

2 | NOTAS SOBRE METODOLOGIA DE PESQUISA NARRATIVA

A pesquisa narrativa atende ao esforço de recuperação do sujeito e da subjetividade no âmbito da investigação científica levada a termo pela virada linguística dos anos de 1960. O movimento conhecido por *linguistic turn* expressa a virada na compreensão do predomínio da linguagem sobre o pensamento na investigação filosófica. Embora o termo já fosse de ampla aceitação, foi no livro organizado e editado pelo filósofo americano Richard Rorty, *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method* [1967], que a expressão ganhou popularidade e se propagou para diversas áreas do conhecimento.

A pesquisa narrativa prioriza em seus estudos a escuta atenta das histórias de vida de seus interlocutores. Arfuch (2010, p.16) reitera essa recuperação do sujeito no campo das humanidades dizendo que “[...] as ciências sociais se inclinam cada vez mais com maior assiduidade para a voz e o testemunho dos sujeitos, dotando assim de corpo a figura do ‘ator social’”. Neste sentido, completa-se o processo de corporificar experiências e materializar os sujeitos invisibilizados pela pretensão cientificista do positivismo.

Embora atual e necessária, a pesquisa narrativa está muito longe de encontrar consenso entre os que a adotam como metodologia de investigação. Ainda que se inscreva no grande espectro da pesquisa qualitativa, não se pode delimitar facilmente a sua

abrangência, pois a própria noção de narrativa é uma definição em disputa (ANDREWS; SQUIRE; TAMBOUKOU, 2008).

Em meio a indefinições, partimos de uma definição simples: narrativa é a arte de intercambiar e partilhar experiências entre o narrador e a comunidade de ouvintes (BENJAMIN, 2012), porque a “[...] investigação narrativa é assim, o estudo de como os seres humanos experimentam o mundo, e pesquisadores narrativos coletam essas histórias e escrevem narrativas de experiência.” (MOEN, 2008, p. 292).

Mas, ao contrário do que se possa pensar, as disputas no interior da pesquisa narrativa, longe de diminuir sua relevância, amplia suas formas, significados e abrangência. Das pesquisas narrativas etnográficas clássicas da pioneira Escola de Chicago (HARRISSON, 2008) às etnografias de tela [etnografia digital, on-line, conectiva, netnografia, ciberetnografia etc.], a todo momento abrem-se novos ramos para a pesquisa narrativa, entretanto anelam o mesmo propósito: falar sobre experiências humanas, suas criações e produções culturais.

Mantem-se aí a própria acepção do verbo latino *narrare*, cuja raiz é *gnarus* [do radical *gno* – saber], tornar conhecido, que pode apresentar ao menos três formas: um modo de constituição e expressão da experiência humana; metodologia de conhecimento [pesquisa narrativa]; e como metodologia de (auto)formação.

No desdobramento dessas noções, e nos seus entrecruzamentos, Moen (2008, p.291) define assim a pesquisa narrativa:

Meu ponto de partida é que a abordagem narrativa é um quadro de referência, uma forma de refletir durante todo o processo de investigação, um método de pesquisa, e um método para representar o estudo da pesquisa. Assim, a abordagem narrativa é tanto o fenômeno quanto o método (Connelly & Clandinin, 1990), um postulado que alguns podem achar um pouco confuso e avassalador [...] Investigação narrativa é assim, o estudo de como os seres humanos experimentam o mundo, e pesquisadores narrativos coletam essas histórias e escrevem narrativas de experiência. (MOEN, 2008, p. 58).

Tal pressuposto pode assustar os pesquisadores mais afeitos à objetividade positivista, que tende a separar momentos integrados do processo de produção do conhecimento: o fenômeno e o método. A pesquisa narrativa não somente os integra, como acrescenta mais um: a sua representação, que abriga uma intrínseca unidade entre o conhecer e sua forma de exposição. Neste caso, cabe ao pesquisador narrativo renunciar às suas certezas engessadas e adotar uma postura que considere os desvios, as errâncias, o tateamento. Deve se aproveitar dos imponderáveis do caminho, cavando e garimpando o que lhe é periférico, estranho e contorcido para juntar as peças de um verdadeiro mosaico, que são vidas humanas em relação.

Ainda lembra Moen (2008, p. 293) que “[...] não existem pessoas sem narrativas. A própria vida pode ser considerada uma narrativa no interior da qual encontramos uma série de outras histórias”. Nessa linha, cabe ao investigador compreender essas histórias por um

caminho que privilegie narrativas autobiográficas e memoriais, a fim de compor um espaço biográfico (ARFUCH, 2010) em que vidas possam ser contadas.

Em nossa práxis de pesquisadores narrativos, temos identificado muitas das preocupações e dificuldades levantadas nesse campo por vários pesquisadores, tais como a falta de unidade conceitual e metodológica, a profusão “esmagadora” de dados coletados (ANDREWS; SQUIRE; TAMBOUKOU, 2008), dificuldades de classificação e representação estatística dos resultados, paralinguagens corporificadas nas narrativas (HYDÉN, 2008), intervenções conscientes e inconscientes do pesquisador no diálogo com seus informantes etc. Esses são alguns dos problemas apontados por Andrews, Squire & Tamboukou (2008, p. 1, tradução nossa):

Há poucos debates bem definidos sobre abordagens conflitantes dentro do campo e como equilibrá-los, como existem, por exemplo, no campo altamente discutido da análise do discurso. Além disso, ao contrário de outras perspectivas de pesquisa qualitativa, a pesquisa narrativa não oferece regras gerais sobre materiais ou modos adequados de investigação, ou o melhor plano para estudar histórias.

O que pode passar despercebido ao investigador convencional, para o pesquisador narrativo é essencial na compreensão do fenômeno narrativo. É preciso estar sempre atento, pois tudo importa, conforme lembram Andrews, Squire & Tamboukou (2008, p. 1, tradução nossa): “[...] tom de voz, pausas, risos - além de elementos visuais, como movimentos oculares, expressão facial, postura corporal e gestos, e mais amplamente, aspectos da emocionalidade encarnado nas narrativas”, o que torna tudo mais complexo e desafiante.

Mas, se há tantas dificuldades para se fazer pesquisa narrativa, por que permanecemos nessa função?

Num campo movediço como esse, cabe bem a indicação de Benjamin (2016) de método como desvio [*Umweg*], abandonando a racionalidade instrumental e seu modo de exposição não desviante, claro, objetivo, seco e silogístico.

Por fim, pesquisadores narrativos defendem esse tipo de pesquisa como fenômeno, método e forma de exposição, pois o que lhes move são as subjetividades que envolvem o campo, as pessoas, as interações dialógicas com suas histórias de vida e suas interpretações sempre desviantes.

Para fins deste trabalho, vamos focar numa variante importante desse tipo de pesquisa: a narrativa autobiográfica.

3 | NARRATIVA COMO METODOLOGIA DE (AUTO)FORMAÇÃO

Sartre avalizou bem o papel da narrativa na constituição da identidade pessoal, contando sua autobiografia no livro *As palavras* [1964/1978]. Essa tendência já fora enunciada no livro *A náusea* [1938], no qual ele afirma que “[...] um homem [mulher] é

sempre um narrador de histórias: vive cercado das suas histórias e das de outrem, vê tudo quanto lhe sucede através delas; e procura viver a sua vida como se estivesse a contá-la” (SARTRE, 2000, p.25).

Adotando essa linha de pensamento, nas últimas três décadas (JOSSO, 2010), diversas vertentes das pesquisas em ciências humanas vêm discutindo o papel e a importância das narrativas autobiográficas no processo de individuação e construção de identidades, partindo de pressupostos e métodos etnográficos que reiteram a centralidade do sujeito e sua subjetividade na pesquisa científica.

A educação tem sido um campo fértil de experiências do uso de narrativas autobiográficas como metodologia de formação de educadores (ABRAHÃO, 2004). Nela, parte-se do princípio de que narrativas autobiográficas podem conduzir a processos de autorreferenciamento, consciência de si (JOSSO, 2010) e autodesenvolvimento a partir da criação de espaços nos quais se misturam narrativas autobiográficas.

A pesquisa narrativa abre uma dimensão importante na formação de educadores, já que relatos autobiográficos exploram zonas do inconsciente normalmente negligenciadas na formação tradicional, provocando reencontros do sujeito consigo mesmo e com sua história, liberando potenciais identitários, capacidades e competências.

Lembra (NÓVOA apud JOSSO, 2010, p.25) que “formar é sempre formar-se”, ou seja, na medida em que os sujeitos produzem narrativas autobiográficas, passam a inventariar o seu processo formativo, tomando consciência de suas ações em tempos e espaços diversos. Neste sentido, narrativas autobiográficas podem gerar produções artísticas e acadêmicas, contribuindo na tecitura de relatos de experiências, dissertações e teses. Além de se tornar uma promissora metodologia de formação.

Diferente da “concepção de formação escolar” (NÓVOA, 2010, p.17), a formação autobiográfica parte de um plano autoral e investigativo, baseado no tripé: falar de si, pesquisar-se e redescobrir-se. Esse ponto de vista encontra ressonância em diversos pesquisadores (JOSSO, 2010; NÓVOA & FINGER, 1988) que propõem a saída do sujeito do lugar comum de passividade para atuar diretamente na própria formação, concebendo-a como autoformação.

Adotamos aqui o pressuposto de que ao rememorar o seu processo formativo e construir narrativas autobiográficas, os sujeitos mobilizam uma série de funções psicológicas superiores, produzindo saberes e socializando conhecimentos, normalmente desconsiderados no tradicional processo de formação escolar.

Por considerarmos que o processo de formação leva uma vida inteira e que nunca paramos de conhecer e aprender, as experiências que acumulamos nessa jornada podem se tornar comunicáveis na medida em que produzimos narrativas (auto)biográficas e as socializamos com os outros.

Na concepção escolar, a formação é concebida a partir de uma fôrma ou molde, uma imagem célebre a ser copiada; já a formação narrativa autobiográfica aponta para a

possibilidade de construção autônoma de um percurso formativo, de reinvenção identitária de um ser que se autoproduz, que se autoimagina e que chega a sua autoformação [*Selbstbildung*].

Como base nesses preceitos, passamos agora a contar como dois pesquisadores em educação, um investigador narrativo brasileiro e uma investigadora portuguesa, têm utilizado seus memoriais autobiográficos em processos de autoformação e autodesenvolvimento pessoal e profissional.

4 I (AUTO)BIOGRAFIA E (AUTO)FORMAÇÃO

Comentando sobre a *Imagem de Proust*, Benjamin (2012, p.37) diz que “nem tudo nessa vida é modelar, mas tudo é exemplar”. Essa frase nos leva a pensar que cada memorial autobiográfico é um caso excepcional: tanto modelar quanto exemplar. E cada autor nos remete aos arquétipos narradores benjaminianos: o viajante [marujo] e o velho camponês [longevo] ou o moribundo, tomados por ele como arcanos de sabedoria exemplar.

O percurso autobiográfico fala de alguém que viajou sobre terras e mares e, como disse Benjamin, “quem viaja tem muito a contar” (BENJAMIN, 2012, p. 216). Mais, ainda: adquire a autoridade de dar conselhos sempre que os extrai do “senso prático”, forjado no domínio da experiência, porque

Ela [a narrativa], traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa questão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem [mulher] que sabe dar conselhos ao ouvinte. (BENJAMIN, 2012, p.216)

No sentido benjaminiano, todo memorialista pode dar conselhos, mas com a ressalva de que aconselhar não significa responder uma pergunta e sim dar uma sugestão “sobre a continuação de uma história que está se desenrolando” (BENJAMIN, 2012, p. 216), pois todo “conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria”.

Narrativas autobiográficas podem se converter em ensinamento, mas somente na medida em que expressarem semelhanças de experiências.

Assim, os relatos memorialísticos que seguem convidam o leitor a encontrar neles fragmentos de experiências similares.

4.1 Uma experiência de narrativa autobiográfica brasileira

A experiência de uso de narrativas que nos propomos documentar aqui segue em três direções: uso de narrativas como experiência pessoal, como metodologia de pesquisa e como metodologia de formação continuada de educadores.

Em 2014, para pleitear uma vaga no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Catarina (PPGE-UFSC), tivemos que elaborar um memorial descritivo. Esse foi o primeiro contato com autobiografia, a do próprio pesquisador. E a

tarefa não foi nada fácil, a princípio, pois são muito tênues as linhas demarcatórias da vida pessoal e da formação acadêmica. A tentativa era de tentar separar acontecimentos da vida pessoal, tais como a educação dada pelos pais, a influência dos amigos e irmãos ou as brincadeiras de infância, da formação escolar primária, secundária e universitária. Levou algum tempo para perceber que nada disso pode ser separado. Somos um todo sincrético, constituídos por todos e tudo o que nos rodeia, que nos faz ser quem somos.

A vida se trata sempre de uma viagem para encontrar os outros [pessoas, lugares, crenças, ideias...] e ao mesmo tempo para encontrar o outro dentro de si, descobrindo-se no e como outro. Parece ser esse também o entendimento de Bakhtin (2003, p. 449): “Quanto a mim, em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas”. Isso porque a busca da voz alheia, o diálogo, é o que nos confere sentido à existência, já que “a vida é dialógica por natureza” (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Ainda lembrando o memorial para o doutorado, salpicado de poemas brechtianos, acabou se tornando um híbrido de relato de vida e artefato literário que tem servido para outros educadores misturarem sua vida pessoal com narrativas acadêmicas, tão sérias quanto um experimento científico formal (VENTURA, 2018).

Desde esse tempo, e lá se vai mais de um lustro, temos usado as narrativas como uma forma de recuperar a voz do sujeito na pesquisa acadêmica. Como por exemplo uma simples leitura de um livro (*A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau) para uma disciplina do doutorado, que se transformou no relato autobiográfico publicado como “Memorial de leitura sobre ‘A invenção do cotidiano’, de Michel de Certeau” (VENTURA, 2015). No qual o autor confessa suas dificuldades em ‘lidar’ como um historiador de tamanha complexidade.

A intenção de investigar com narrativas se inscreveu no autor também para que pudesse escrever histórias a contrapelo, como no desafio que Benjamin lançou aos historiadores, ou seja, dar voz àqueles que normalmente são invisibilizados nas pesquisas e tratados como índices estatísticos ou catalogados em “categorias de análise”. Esse compromisso se revelou produtivo na construção da tese de doutorado que se chamou “O voo da Fênix: trajetórias de travessias de identidade de egressas da educação a distância” (VENTURA, 2018). A pesquisa esteve o tempo inteiro ancorada nas histórias de vida das Fênix, mulheres empoderadas, que depois de muito tempo retornaram aos estudos para se graduar em Pedagogia. Neste caso, as narrativas se revelaram ao mesmo tempo metodologia de pesquisa e de formação, pois suas histórias foram coletadas tanto por meio de entrevistas quanto pela produção de memoriais de formação acadêmica no curso de formação continuada “Narrativas, Autobiografia e Formação de Educadores” (2016 e 2017). Esse tipo de pesquisa-formação tem servido de inspiração para outros pesquisadores narrativos que têm interesse em criar um “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010) de investigação e formação continuada (VENTURA; LOSTADA, 2020).

Com a pesquisa narrativa, abrem-se diversas dimensões para o fazer acadêmico

no âmbito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. E é isso que ainda estamos fazendo.

4.2 Uma experiência de narrativa autobiográfica portuguesa

Nesta secção ilustra-se um caso de uso de narrativas autobiográficas como estratégia de desenvolvimento profissional de uma investigadora em educação, a trabalhar no centro de Investigação “CIDTFF” da Universidade de Aveiro (<https://www.ua.pt/pt/cidtff/>). Para tal, optou-se por recorrer ao próprio processo narrativo, fazendo uma retrospectiva de mais de dez anos de trabalho. Será contada uma história muito pessoal, com início em 2009, ano em que foi iniciado o percurso de formação investigativa através da frequência ao, então, Programa Doutoral “Didática e Desenvolvimento Curricular” da Universidade de Aveiro (<https://www.ua.pt/pt/curso/360>). No âmbito da Unidade Curricular “Cultura, Conhecimento e Identidade” a jovem doutoranda foi desafiada a construir o seu próprio *Portfólio reflexivo* (SÁ-CHAVES, 2004; SÁ-CHAVES, 2007) de aprendizagem a fim de: “*evidenciar o processo de construção de identidade de cada um de nós (alunos)*” (excerto da nota introdutória do *portfólio reflexivo*, 2009). O primeiro exercício de autodescoberta através da escrita não foi fácil, sobretudo para alguém com formação de base em Biologia e cujos hábitos de escrita mais elaborada não eram mais que simples esquemas de redes tróficas. Mas o processo recursivo da escrita, muito apoiado pelas docentes das unidades curriculares, foi imensamente revelador de mundos interiores e exteriores, constituindo-se como evidência empírica, ‘em primeira mão’, do que Sá-Chaves escreve (2007, p. 15):

[...] os portfólios são instrumentos de diálogo (...) recolhem, em tempo útil, outros modos de ver e interpretar que facilitam ao formando uma diversificação do seu olhar, forçando-o à tomada de decisões, à necessidade de fazer opções, de julgar, de definir critérios, de se deixar invadir por dúvidas e conflitos para deles emergir mais consciente, mais informado, mais seguro de si e mais tolerante quanto à hipótese dos outros.

Ainda como jovem investigadora em formação, o segundo contacto com processos narrativos reflexivos foi no âmbito da Unidade Curricular “Didática e Desenvolvimento Curricular”. No âmbito desta, os estudantes foram desafiados a conduzir uma revisão de literatura meta-analítica, em grupo, e a fazer registos regulares dos seus (des)encontros enquanto comunidade de aprendentes. A Fig. 1 retrata a temática encontrada pelas três jovens investigadoras:

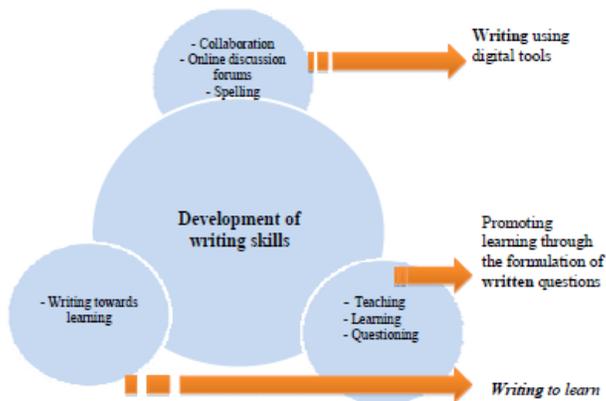


Figura 1 – Áreas de interesse de cada doutoranda e identificação do tema global enquadradora para elaboração do estudo meta-analítico.

Fonte: Lopes et al., 2013

Novamente, o processo de aprendizagem foi desafiador, sobretudo pela questão de escrever e refletir com colegas cuja formação de base era distinta da investigadora (ela formada em Biologia, as colegas formadas em Línguas):

During the first phase of the curricular unit, when we were trying to identify our common theme I had to explain my PhD project to Anna and Carol. This caused a moment of anxiety, (...) How would I be able to show, and convince [them] that what I do in Biology [teaching] is important and make sense...and is NOT boring? (...) I was surprised with the interesting comments of my colleagues and (...) during the process of answering to their clarifying or simple curiosity doubts I realized I started to refine my own project...sometimes an external view is very positive [...]. (Beatrice). (LOPES et al., 2013)

Mas os desafios trazem, sempre, aprendizagens, neste caso ao nível do desenvolvimento de competências cognitivas, interpessoais e transversais tão necessárias ao desenvolvimento pessoal de uma doutoranda que almeja ser uma jovem investigadora em educação (Fig. 2).

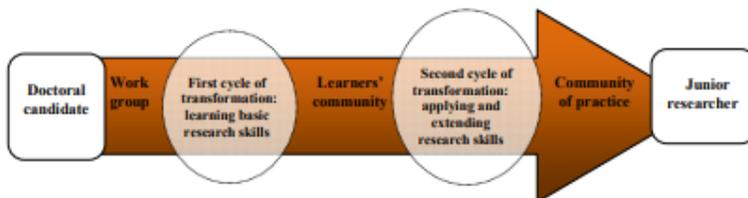


Figura 2 – O processo de transformação pessoal de um doutorando – entre a ausência e a aquisição de competências investigativas.

Fonte: Lopes et al., 2013

Perante a riqueza da experiência, as aprendizagens foram partilhadas através da descrição e problematização de reflexões autoetnográficas (HERNANDEZ et al., 2010; MITRA, 2010) a dois níveis: a nível individual, isto é, cada uma das três doutorandas per si, partilhando a sua experiência individual e a nível coletivo através de uma meta-reflexão escrita a seis mãos, partindo da discussão colaborativa das três reflexões individuais.

Enquanto na primeira fase de contacto com as narrativas reflexivas o seu recurso foi 'induzido' no âmbito do Programam Doutoral, pelos desafios lançadas pelas docentes, o segundo momento de utilização das mesmas aconteceu em 2013, agora por iniciativa própria e com uma forte motivação intrínseca, diria mesmo necessidade (ainda que à data não muito consciente) de lidar com uma experiência profissional tão rica como perturbadora em termos de “visão do mundo e visão de si” – a formação de professores em contexto de cooperação internacional, nomeadamente Timor-Leste. Durante, e após a missão de formação de professores de Ciências em Timor-Leste, que teve uma duração de dois meses, sentiu-se a necessidade de ir fazendo registos das aprendizagens cognitivas e emotivas através da escrita reflexiva. Perante a tomada de consciência que as colegas formadoras estavam a passar semelhante transformação profissional, desafiou-se as mesmas em realizarem um estudo autoetnográfico. O estudo sustentou-se nas respostas individualizadas das três formadoras em torno de duas questões–chave: 1 - O que teve mais impacto em si? Por quê? 2 - O que faria diferente se fosse possível repetir a experiência e por quê? (LOPES et al., 2014). Do processo coletivo resultaram recomendações importantes para outros jovens formadores de professores em contexto de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID), e, sobretudo, a constatação de que é preciso investir, também, na formação contínua dos próprios formadores de professores (Fig. 3), pois estes também são eternos aprendentes (BORKE, 2004).

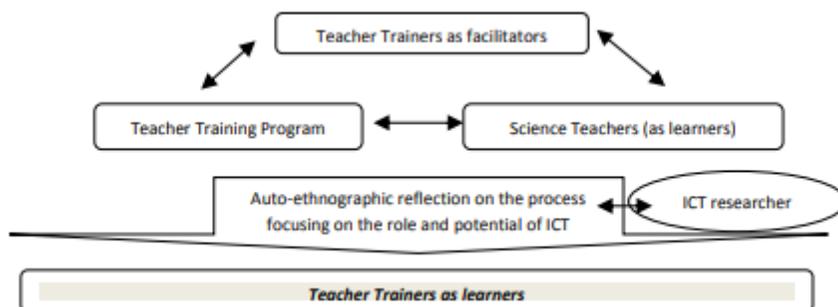


Figura 3 – O processo de reflexão no âmbito de programas de formação de educadores

Fonte: Lopes et al., 2017

Mais recentemente, e perante o desafio de assumir responsabilidades de orientação

de estudantes de mestrado e doutoramento internacionais, desde 2016, voltou. Orientar estudantes vindos de contextos socioeconômicos e culturais distintos dos próprios, e sem qualquer formação específica pedagógica para tal, torna-se uma responsabilidade muito grande, cheia de dúvidas e incertezas. As causas e as consequências da internacionalização do ensino superior são complexas e trazem, potencialmente, também, alguns riscos, como por exemplo a perpetuação de 'neocolonialismos' (ANDREOTTI et al., 2015). O processo de supervisão envolvendo estudantes internacionais constitui-se como foco atual de atenção da investigadora, em termos de necessidade de desenvolvimento profissional, e envolve um grupo de colegas formadores de organizações não governamentais/associações da economia solidária (LOPES et al., 2020; LOPES; DIOGO, 2019).

Revisitando este percurso profissional pessoal, torna-se claro para a autora destas memórias que as narrativas autobiográficas se tornaram fieis companheiras no seu desenvolvimento profissional e, até mesmo, uma ferramenta de colaboração com outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas narrativas contam vidas e pesquisadores narrativos são seus porta-vozes. São uma espécie de Hermes, o deus mensageiro. Não por acaso, narrativas estão ligadas à hermenêutica, ciência que decifra mistérios.

Todavia, por mais que histórias de vida sejam também herméticas (novamente Hermes) e misteriosas, são também alegorias, cabendo aos pesquisadores narrativos e autobiográficos trazer à luz mensagens de seus interlocutores. Nisso ajuda a hermenêutica quando nos lembra que alegoria é composta por *allo* (outro) + *agoreuein* (falar em público), ou seja, tanto é um outro discurso quanto o discurso do outro. Numa palavra: o horizonte da narrativa é sempre o ser-outro, mesmo quando é autobiográfica.

Pelo referencial e experiências luso-brasileiras relatadas, podemos afirmar que podemos aprender muito com e sobre narrativas, desde investigações científicas, passando por formações e autoformações iniciais e contínuas, quanto ações extensionistas, extrapolando os muros das universidades.

O trabalho científico e sério com narrativas, conforme o aforismo aristotélico, pode ser penoso no início, desafiante e com raízes amargas, mas os frutos serão doces e compensadores.

Pesquisadores narrativos nunca estão sozinhos, mas sempre envolvidos com seus interlocutores e parceiros de investigação, por isso seus efeitos são multiplicadores e se espalham em redes de colaboração costuradas a várias mãos, como esse próprio texto tecido a quatro mãos separadas nada menos do que pela vastidão do oceano Atlântico.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem mentores que promoveram o seu contacto inicial as narrativas, assim como a todos os colegas que se envolveram nestes percursos formativos. Cada experiência (co)escrita torna-se um pedaço de nós.

Obrigada!

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

ANDREWS, Molly; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. **Doing narrative research**. London: *Second Edition*, 2008.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I, magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barrento. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BORKE, H. **Professional Development and teacher Learning: Mapping the terrain**. Educational Researcher, 2004.

EVANS, L. **Developing the european researcher: 'extended' professionalism within the Bologna process**, Professional Development in Education, Vol. 36, nº 4, pp. 663-377, 2010.

HARRISON, B. Editors' introduction: researching lives and the lived experience. In: HARRISON, B. (Org.). **Life story research**. London: SAGE Publications, 2008.

HERNADÉZ, F.; SANCHO, J.M.; CREUS, A.; MONTANÉ, A. Becoming university scholars: inside professional autoethnographics, **Journal of Research Practice**, v 6, Article M7, 2010.

HYDÉN, Lars-Christer. Bodies, embodiment and stories. In: ANDREWS, Molly; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. **Doing narrative research**. London, 2008.

JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN, 2010.

KILEY, M. Identifying threshold concepts and proposing strategies to support doctoral candidates, **Innovation in Education and Teaching International**, v. 46, nº3, p. 293-304, 2009.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre narrativa e identidade (a modo de presentación). In: ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

LOPES, B.; DIOGO, S. Learning by Doing? The Challenge of supervising international master and PhD students. Conference paper presented at: **11th International Conference on Education and New Learning Technologies**, 2019.

LOPES, B. Et al. What do we learn when we teach abroad? Reflections about International Cooperation with developing countries. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, 2014.

Lopes, B. Et al. Learning transitions of three doctoral students in a Portuguese higher education institution facilitated by the use of ICT. **International Journal of Continuing Engineering Education and Lifelong Learning**, 23(2), 179-193, 2013.

LOPES, B. Et. Al. Utilização do método Symfos na reflexão crítica da supervisão de estudantes internacionais – uma estratégia em desenvolvimento [The use of the Symfos method for critical reflection on supervision of international Students: a working strategy in development], Talk presented at **2nd National and 1st International Conference on Supervision**, Aveiro, Portugal, 2020.

MITRA, R. Doing ethnography, being an ethnographer: the eutoethnographic research process and I, **Journal of Research practice**, v. 6, n.1, 2010.

MOEN, T. Reflections on the narrative research approach. In: HARRISON, B. (Org.). **Life story research**. London: SAGE Publications, 2008.

NÓVOA, A. Apresentação. In: JOSSO, Marie-Cristine. Experiências de vida e formação. Natal: EDUFRN, 2010.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SÁ-CHAVES, I. **Os Portfólios reflexivos (também) trazem gente dentro**. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005.

SÁ-CHAVES, I. **Portfólios Reflexivos**. Estratégias de Formação e Supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

SARTRE, J. P. **A náusea**. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances).

LOPES, B. Et al. Training Timorese Science Teachers in the context of international cooperation: what role could ICT play? **Conexão Ciência**, 12(2), 416-423, 2017.

VENTURA, L. Memorial de leitura sobre “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau. **Alegrear**, Campinas, v. 1, p. 1-9, 2015.

VENTURA, L. Quando as reminiscências falam por nós: memorial para doutoramento. **Alegrear**, Campinas, v. 01, p. 124-131, 2018.

VENTURA, L. **O voo da fênix**: narrativas de travessias de identidade de egressas da educação a distância. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, UFSC, Florianópolis, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 71, 72, 75, 76, 78, 79, 104, 111, 112, 120, 190, 191

Acesso 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 50, 53, 68, 70, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 91, 92, 100, 101, 103, 107, 109, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 122, 128, 144, 147, 148, 151, 152, 161, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 177, 188, 189, 194, 195, 202, 203, 213, 219, 223, 224, 233, 234, 238

Adolescência 140, 171, 172, 176

Alfabetismo 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

Alfabetização 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 121, 123, 124, 126, 127, 190, 191, 192, 193, 194, 223, 241

Ambientalização 214, 215, 216, 220, 221, 223, 224, 225

Atenção primária à saúde 132

Atividade remota 41

Atividades de lazer 204, 209

Autobiografia 28, 31, 33, 34

B

Biologia 35, 36, 102, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 158, 222

BNCC 102, 103, 105, 109, 136, 142, 143, 148, 176, 177, 184, 224

C

Ciências da natureza 102, 105, 109

Competências 18, 23, 32, 36, 42, 44, 51, 56, 58, 59, 60, 62, 88, 96, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 123, 126, 158, 192, 193, 194, 230, 232

Covid-19 90, 91, 99, 102, 103, 105, 107, 109, 110, 118, 124, 127, 132, 150, 151, 159, 196, 197, 219

Cultura 4, 5, 7, 9, 13, 28, 35, 39, 52, 54, 56, 62, 63, 87, 113, 119, 136, 139, 143, 147, 148, 172, 175, 176, 181, 182, 188, 189, 204, 205, 206, 207, 213, 216, 232, 233, 241

Currículo 19, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 94, 105, 143, 163, 164, 165, 184, 215, 216, 218, 221

D

Deficiências 71, 75, 77, 182, 185, 186, 227, 234

Delinquência juvenil 80, 89

Diálogo 31, 34, 35, 41, 52, 54, 56, 72, 123, 130, 132, 133, 134, 140, 146, 147, 148, 149,

164, 165, 176, 179, 186, 206, 237

Docência 50, 94, 121, 126, 223, 241

E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 42, 43, 50, 51, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 85, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 122, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 183, 184, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 202, 203, 204, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Educação em direitos humanos 134, 135, 136, 145, 147, 148

Educação inclusiva 78, 113, 119, 178, 179, 184, 192, 194, 195, 227, 233

Educação popular em saúde 130

Educação profissional 226, 230, 234

Educação pública 3, 15, 16, 18, 20, 21, 24, 25

EJA 21, 51, 52, 55, 57, 60, 62, 63

Ensino 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 35, 38, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 57, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 76, 77, 79, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 202, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 241

Ensino da dança 178, 179, 187

Ensino híbrido 102, 109, 197

Ensino médio 43, 47, 49, 77, 90, 91, 92, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 118, 120, 150

Ensino religioso 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Ensino remoto emergencial 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 110, 150, 152, 153, 157, 158, 159

Ensino superior 10, 11, 12, 13, 38, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 76, 77, 79, 121, 123, 130, 216, 241

Equidade 10, 15, 20, 24, 25, 91, 215

Escola 8, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 43, 44, 47, 49, 54, 56, 59, 60, 62, 63, 84, 85, 93, 94, 105, 113, 118, 121, 122, 124, 125, 135, 138, 143, 145, 149, 159, 160, 161, 162,

163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 196, 197, 199, 209, 210, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 229, 230, 232, 234, 236, 237, 238, 239, 240

Espaço formal 132, 214, 220, 222

Estado laico 134, 135, 138, 141, 143

Extensão 35, 67, 68, 121, 123, 126, 131, 190, 216, 219, 222, 223, 225, 241

F

Formação continuada 20, 28, 29, 33, 34, 62, 67, 218, 226, 228, 230, 232, 233, 239

Formação docente 41, 43, 45, 46, 51, 55, 159, 216

I

Ideologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 24

Igualdade 10, 20, 23, 56, 134, 135, 141, 143, 145, 147, 169, 227, 238, 239

Inclusão 10, 11, 12, 13, 14, 20, 26, 54, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 111, 112, 113, 119, 120, 141, 143, 145, 146, 147, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238

K

Kahoot 196, 198, 199, 201, 202

L

Língua Inglesa 196

M

Menor-infrator 80

Método fonovisuoarticulatório 190, 191, 192, 193, 194

P

Pandemia 41, 42, 43, 46, 49, 50, 90, 91, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 109, 110, 118, 124, 127, 128, 132, 150, 151, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 168, 169, 196, 219, 223

Participação 22, 41, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 70, 72, 75, 94, 97, 102, 104, 109, 132, 141, 142, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 198, 202, 209, 213, 217, 221, 224, 226, 228, 229, 232, 238

Pedagogia 26, 34, 55, 61, 62, 86, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 133, 146, 148, 202, 219

Peer instruction 196, 198, 200, 201, 202

Pesquisa 1, 2, 10, 11, 13, 15, 16, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 42, 43, 50, 55, 57, 64, 65, 67, 68, 69, 74, 75, 81, 82, 83, 87, 89, 98, 104, 105, 109, 121, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 148, 154, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 168, 169, 170, 171, 178, 182,

183, 184, 186, 189, 190, 191, 193, 196, 199, 204, 205, 206, 207, 209, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241

Pesquisa narrativa 28, 29, 30, 31, 32, 34

Política 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 24, 25, 26, 39, 58, 62, 65, 66, 67, 68, 70, 78, 112, 113, 143, 144, 145, 164, 177, 191, 194, 204, 205, 212, 215, 238

Política pública 66, 68, 204, 205

Políticas educacionais 15, 16, 18, 23, 25, 64, 68, 136, 141, 215

Prática pedagógica 41, 43, 44, 45, 46, 99, 100, 126, 239

Práticas educativas em saúde 130, 132

Professores 21, 37, 41, 42, 45, 47, 48, 49, 50, 67, 70, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 109, 110, 113, 118, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 139, 140, 141, 142, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 168, 169, 170, 176, 179, 187, 197, 205, 206, 209, 216, 218, 219, 221, 222, 224, 229, 231, 234, 235, 241

Profissão docente 42, 43, 90

Projeto político-pedagógico 160, 161, 163, 164, 170

S

Saberes 24, 32, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 90, 95, 100, 101, 123, 128, 148, 149, 174, 176, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 228, 234, 239

Segurança do trabalho 150, 153, 154, 156

Sistema socioeducativo 80

Suporte emergencial à vida 150, 156

Surdez 113, 119, 178, 182

Surdos 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 183, 184, 188, 189

T

Tecnologia assistiva 12, 226, 228, 229, 230, 231, 232, 233

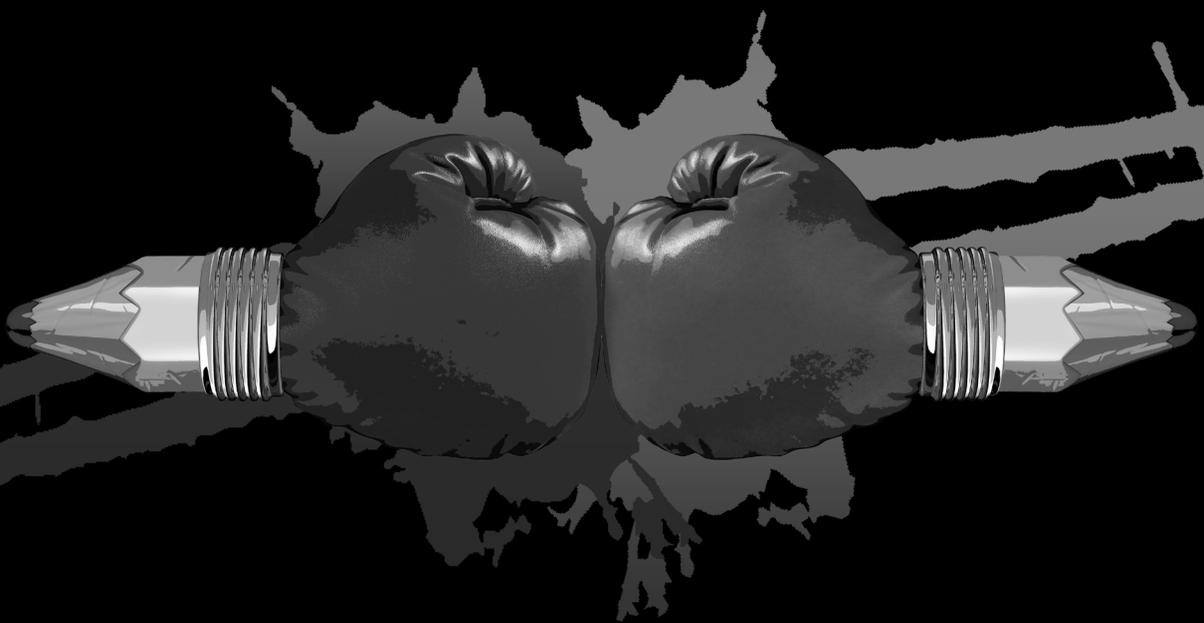
Tolerância religiosa 134, 135, 143, 146

Transtorno do espectro do autismo (TEA) 190, 191

W

Webinários 102, 104, 105, 107, 108, 109

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 3



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

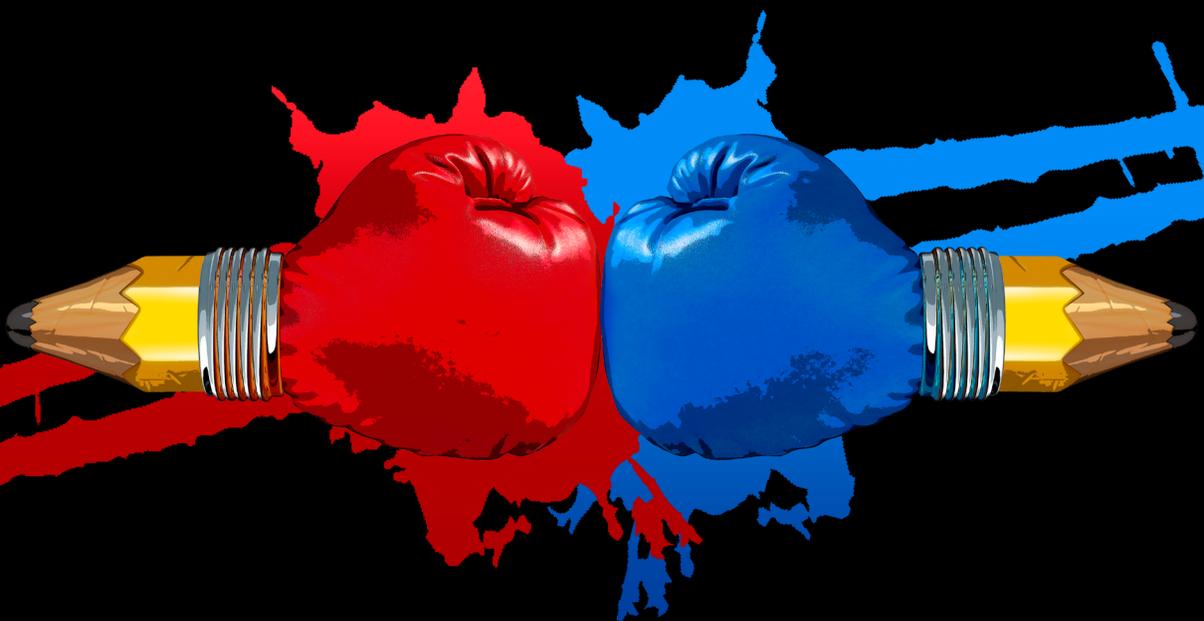
📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 3



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021